

## Briefing

### Boletim Epidemiológico 2009

#### 1. Números gerais da aids \*

- Estimativa de infectados pelo HIV (2006): 630.000
- Prevalência infecção (15 a 49 anos): 0,61 %  
Fem. 0,41%                      Masc. 0,82%
- Casos acumulados de aids (1980 a junho de 2009): 544.846
- Casos novos:  
2007: 33.909                      2008: 34.480
- Taxa de incidência (por 100.000 hab):  
2007 – 17,9                      2008 – 18,2
- Número de óbitos por aids (1980 a 2008): 217.091  
2007 – 11.372                      2008 – 11.523
- Coeficiente de mortalidade (por 100.000 hab):  
2007 – 6,0                      2008 – 6,1

\* Dados preliminares para os últimos cinco anos

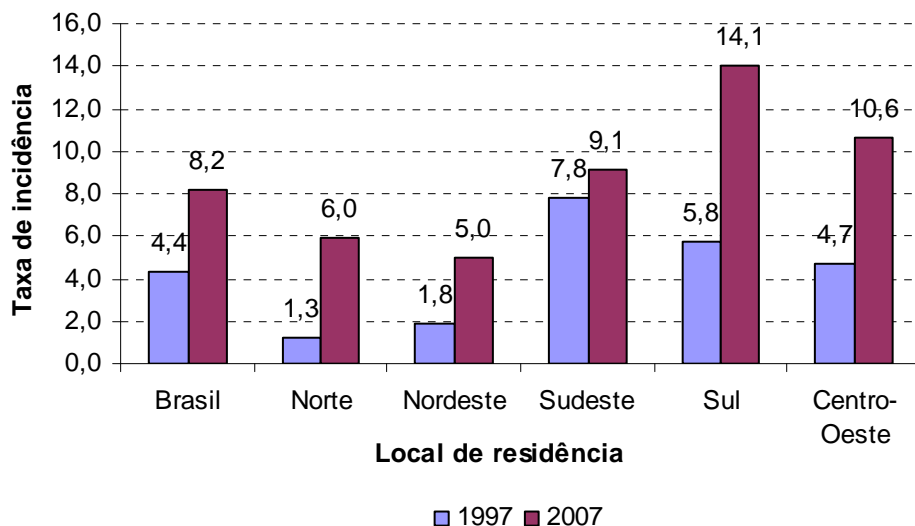
#### 2. Aids cresce em cidades menores

A epidemia de aids no Brasil é considerada estabilizada, com cerca de 33 a 35 mil casos por ano. Entretanto, existem diferenças regionais na forma como a aids se distribui, configurando, no país, diversos perfis da epidemia.

Em municípios com mais de 500 mil habitantes, há decréscimo da taxa de incidência (número de casos de aids a cada 100 mil habitantes), comparando-se 1997 e 2007, de 32,3 para 27,4. Por exemplo, na cidade de São Paulo, a taxa de incidência decresce de 48,7 em 1997 para 25,7 em 2007. Já nos municípios com menos de 50 mil habitantes, a taxa de incidência de aids tende a crescer. Passa de 4,4 casos para 8,2 no mesmo período (figuras 1 e 2).

A tendência de crescimento de aids nas cidades menores e queda nas maiores se confirma nas regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul. Mas, Norte e Nordeste apresentam um perfil diferente. Ocorre aumento da taxa de incidência, quando se compara 1997 com 2007, tanto em municípios grandes quanto em pequenos.

O número de municípios com pelo menos um caso de aids cresce ao longo dos anos (figura 3). É válido ressaltar que, apesar de 90% dos municípios brasileiros terem menos de 50 mil habitantes (4.982 municípios), eles concentram apenas 34% da população e 11% do total de casos de aids identificados no país.

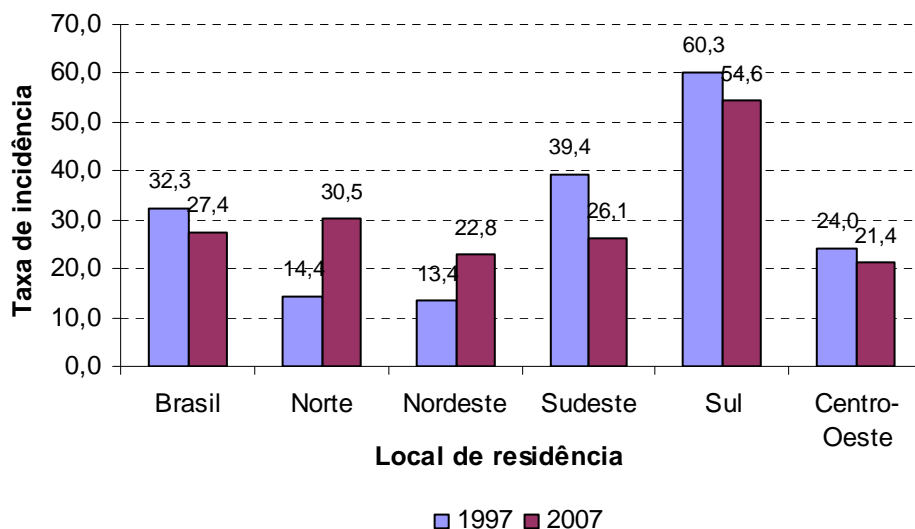


FONTE: MS/SVS/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais

NOTA: (1) Casos notificados no SINAN e registrados no SISCEL/SICLOM até 30/06/2009 e declarados no SIM de 2000 a 2008. Dados preliminares para 2007.

POPULAÇÃO: MS/SE/DATASUS em <www.datasus.gov.br no menu Informações em saúde > Demográfica e socioeconômicas, acessado em 20/10/2009.

Figura 1. Taxa de incidência de casos de aids<sup>(1)</sup> (por 100.000 hab.) em municípios com menos de 50.000 hab, segundo região de residência e ano de diagnóstico. Brasil, 1997 e 2007

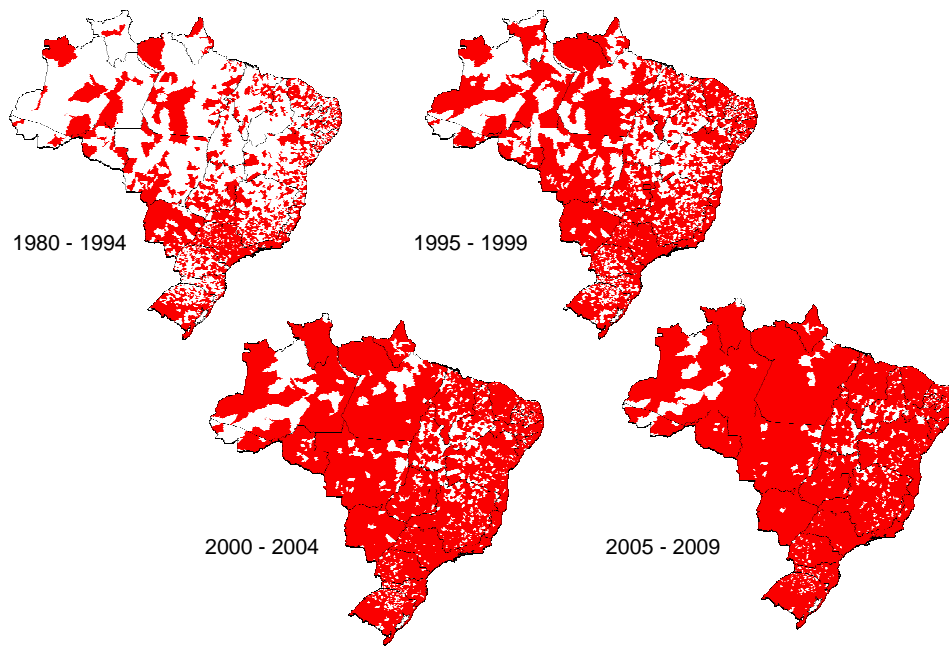


FONTE: MS/SVS/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais

NOTA: (1) Casos notificados no SINAN e registrados no SISCEL/SICLOM até 30/06/2009 e declarados no SIM de 2000 a 2008. Dados preliminares para 2007.

POPULAÇÃO: MS/SE/DATASUS em <www.datasus.gov.br no menu Informações em saúde > Demográfica e socioeconômicas, acessado em 20/10/2009.

Figura 2. Taxa de incidência de casos de aids<sup>(1)</sup> (por 100.000 hab.) em municípios com 500.000 hab. ou mais segundo região de residência e ano de diagnóstico. Brasil, 1997 e 2007



FONTE: MS/SVS/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais

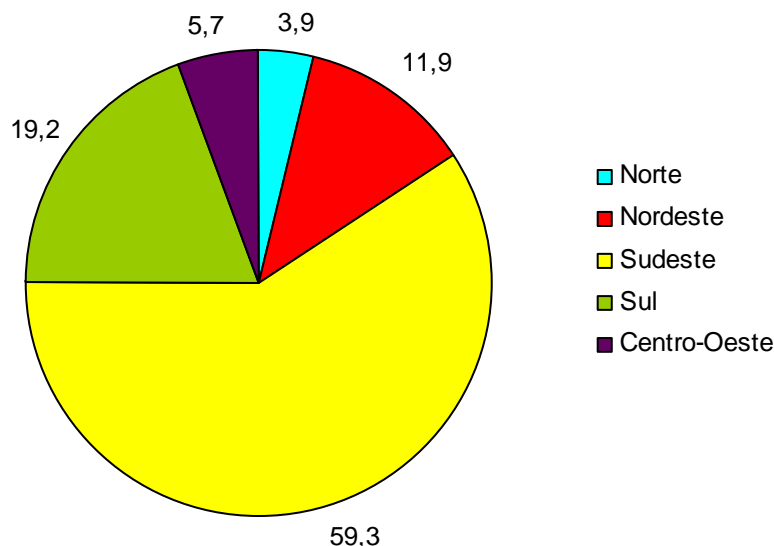
NOTAS: (1) Casos notificados no SINAN e registrados no SISCEL/SICLON até 30/06/2009 e declarados no SIM de 2000 a 2008. Dados preliminares para os últimos cinco anos.

Figura 3. Municípios com pelo menos um caso de aids por período de diagnóstico. Brasil, 1980 a 2009

### 3. Regiões

Dos casos de aids acumulados de 1980 até junho de 2009, a região Sudeste é a que tem o maior percentual (59,3%) do total de notificações no país, com 323.069 registros da doença. O Sul concentra 19,2% dos casos, com 104.671 notificações; Nordeste (11,9%), com 64.706; Centro-Oeste, (5,7%), com 31.011; e Norte (3,9%), com 21.389 (figura 4).

A distribuição percentual de casos de aids por região de residência em 2007 quando comparada à distribuição da população brasileira no mesmo ano apresenta um quadro interessante, principalmente para as regiões Nordeste e Sul: 28% da população brasileira residia no Nordeste em 2007, enquanto que somente 17% dos casos de aids foram identificados nessa região no mesmo ano. O oposto ocorre no Sul, onde se concentrava 15% da população e 24% dos casos foram identificados. Nas demais regiões a proporção de casos se assemelha à distribuição populacional.



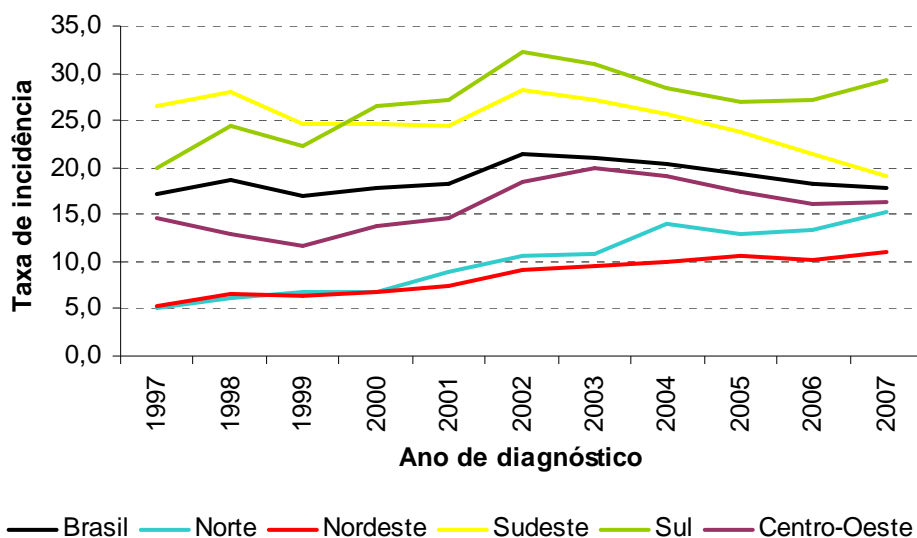
Fonte: MS/SVS/Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais

NOTA: (1) Casos notificados no SINAN e registrados no SISCEL/SICLOM até 30/06/2009 e SIM de 2000 a 2008. Dados preliminares para os últimos cinco anos.

Figura 4. Distribuição percentual dos casos de aids<sup>(1)</sup> por região de residência. Brasil, 1980 a 2009

Quanto às taxas de incidência, observa-se, após o pico em 2002, discreta queda no país e na região Sudeste, embora as taxas se apresentem ainda em patamares elevados (17,9 casos por 100 mil habitantes em 2007). Na região Centro-Oeste, observa-se também queda discreta a partir de 2003 e, nas demais regiões, Norte, Nordeste e Sul, verifica-se crescimento entre o período de 2000 a 2007 (figura 5 e tabela 1).

A região Sul apresenta crescimento entre 2005 e 2007, conforme ilustra a curva de taxa de incidência. Entretanto, as taxas de incidência no Paraná e Santa Catarina diminuem nesse período. No Rio Grande do Sul, as taxas variaram de 32,2 por 100 mil habitantes, em 2005, para 43,8 em 2007.



Fonte: MS/SVS/Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais

NOTA: (1) Casos notificados no SINAN e registrados no SISCEL/SICLOM até 30/06/2009 e SIM de 2000 a 2008. Dados preliminares para os últimos cinco anos.

POPULAÇÃO: MS/SE/DATASUS em <www.datasus.gov.br> no menu informações em saúde > Demográfica e socioeconômicas, acessado em 20/10/2009.

Figura 5: Taxa de incidência de aids<sup>(1)</sup> por 100.000 hab. por região de residência e ano de diagnóstico. Brasil, 1997 a 2007

Tabela 1: Casos de aids<sup>(1)</sup> (número e taxa de incidência por 100.000 hab.) segundo região de residência e ano de diagnóstico. Brasil, 2000 a 2007

Ano de diagnóstico	Indicador	Local de residência					
		Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
2000	N	30266	883	3289	17822	6672	1600
	taxa	17,8	6,8	6,9	24,6	26,6	13,7
2001	N	31315	1181	3591	17895	6920	1728
	taxa	18,2	8,9	7,4	24,4	27,2	14,5
2002	N	37452	1430	4416	21048	8321	2237
	taxa	21,4	10,6	9,0	28,3	32,3	18,5
2003	N	37100	1481	4662	20459	8044	2454
	taxa	21,0	10,7	9,4	27,1	30,9	19,9
2004	N	36392	1967	4988	19581	7470	2386
	taxa	20,3	14,0	10,0	25,7	28,4	19,0
2005	N	35530	1911	5357	18719	7270	2273
	taxa	19,3	13,0	10,5	23,9	27,0	17,5
2006	N	33881	2017	5240	17095	7386	2143
	taxa	18,1	13,4	10,2	21,5	27,0	16,1
2007	N	33909	2358	5758	15465	8110	2218
	taxa	17,9	15,4	11,0	19,2	29,3	16,4

Fonte: MS/SVS/Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais

NOTA: (1) Casos notificados no SINAN e registrados no SISCEL/SICLOM até 30/06/2009 e SIM de 2000 a 2008. Dados preliminares para os últimos cinco anos.

POPULAÇÃO: MS/SE/DATASUS em <www.datasus.gov.br> no menu informações em saúde > Demográfica e socioeconômicas, acessado em 20/10/2009.

### 3.1 – Ranking dos estados por taxa de incidência de aids

O estado que apresenta a maior taxa de incidência de aids em 2007 é o Rio Grande do Sul, com 43,8 casos por 100 mil habitantes, seguido do Rio de Janeiro, com 28,9 e Santa Catarina, com 28,4 (tabela 2).

Tabela 2: Taxa de incidência (por 100.000 hab.) de casos de aids segundo UF por ano de diagnóstico, ordenada pela taxa de 2007. Brasil, 2002 a 2007

Posição	UF de residência	Ano de diagnóstico					
		2002	2003	2004	2005	2006	2007
1	Rio Grande do Sul	39,6	39,4	34,4	32,2	34,9	43,8
2	Rio de Janeiro	36,2	33,2	35,7	32,8	30,8	28,9
3	Santa Catarina	37,7	32,8	34,1	33,0	31,8	28,4
4	Roraima	10,1	23,5	28,6	16,4	15,6	23,1
5	Amazonas	14,0	12,3	16,2	17,2	18,2	20,0
6	Mato Grosso	20,7	22,6	22,9	21,1	16,8	19,8
7	São Paulo	31,9	31,2	27,4	25,4	22,3	18,7
8	Mato Grosso do Sul	19,1	20,3	18,8	17,1	18,0	17,7
9	Distrito Federal	22,6	27,7	21,6	19,9	17,2	17,3
10	Rondônia	13,3	13,5	12,5	12,7	16,6	17,3
11	Pernambuco	14,9	13,5	14,2	17,0	15,8	16,0
12	Espírito Santo	20,0	19,3	20,1	18,1	17,1	15,6
13	Amapá	13,0	8,4	12,3	12,4	13,5	15,2
14	Pará	9,3	10,2	14,5	12,8	12,4	14,7
15	Paraná	21,6	20,8	18,8	17,9	16,0	14,6
16	Goiás	15,4	15,2	16,2	14,8	14,6	13,8
17	Minas Gerais	15,8	15,2	14,9	14,4	13,2	13,1
18	Ceará	8,5	10,3	10,8	9,2	9,4	11,3
19	Maranhão	6,7	8,6	10,8	10,5	11,7	11,0
20	Sergipe	6,0	8,2	7,9	8,6	9,4	10,8
21	Piauí	6,5	6,2	8,9	9,5	7,7	10,7
22	Rio Grande do Norte	5,4	7,2	4,7	9,5	8,6	9,7
23	Alagoas	7,4	7,8	6,9	8,6	8,1	9,5
24	Bahia	9,4	9,1	9,5	9,0	8,5	9,2
25	Paraíba	7,4	7,8	8,2	8,2	7,8	8,8
26	Acre	7,2	5,8	8,0	7,6	4,5	8,4
27	Tocantins	6,5	6,4	7,2	6,2	7,5	6,5

Fonte: MS/SVS/Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais

NOTA: (1) Casos notificados no SINAN e registrados no SISCEL/SICLOM até 30/06/2009 e SIM de 2000 a 2008. Dados preliminares para os últimos cinco anos.

POPULAÇÃO: MS/SE/DATASUS em <[www.datasus.gov.br](http://www.datasus.gov.br)> no menu informações em saúde > Demográfica e socioeconômicas, acessado em 20/10/2009.

### 3.2 - Ranking das capitais por taxa de incidência de aids

A capital que apresentou maior taxa de incidência de aids em 2007 foi Porto Alegre (RS) com 111,5 casos por 100 mil habitantes. Quase o dobro da capital colocada em segundo lugar, Florianópolis (SC), com 57,4 por 100 mil habitantes (tabela 3).

Tabela 3: Taxa de incidência (por 100.000 hab.) de casos de aids segundo capital de residência por ano de diagnóstico, ordenada pela taxa de 2007. Brasil, 2002 a 2007

Posição	Capital	2002	2003	2004	2005	2006	2007
1	Porto Alegre	105,5	102,2	93,0	78,5	92,5	111,5
2	Florianópolis	71,3	84,5	68,6	82,7	82,4	57,4
3	Porto Velho	37,9	31,4	25,0	27,3	38,1	38,1
4	Rio de Janeiro	49,2	39,5	44,4	38,5	38,7	36,4
5	Cuiabá	42,6	43,9	43,4	36,5	30,2	35,7
6	Manaus	25,1	21,8	27,6	29,1	30,3	33,1
7	Boa Vista	14,0	34,8	40,9	24,4	23,2	31,5
8	Belém	26,4	28,0	38,8	33,5	28,5	30,7
9	Recife	28,6	25,7	30,3	34,6	32,3	30,3
10	São Luís	19,3	22,1	30,8	30,1	31,2	28,9
11	Vitória	42,4	32,1	37,3	34,8	31,5	26,2
12	São Paulo	40,7	41,5	35,2	34,1	29,6	25,7
13	Teresina	15,3	13,8	19,3	22,6	16,7	24,7
14	Curitiba	42,8	43,1	37,2	33,4	34,3	24,5
15	Goiânia	26,2	25,7	26,9	26,7	23,8	22,7
16	Fortaleza	17,4	20,2	21,1	18,1	19,8	22,3
17	Belo Horizonte	31,5	29,4	29,0	26,0	20,8	21,9
18	Salvador	25,7	23,4	22,2	18,6	20,1	21,7
19	Campo Grande	33,2	31,3	30,7	22,5	24,8	21,7
20	Maceió	18,6	18,9	15,2	18,8	17,5	21,0
21	Aracaju	11,4	15,4	12,8	16,2	15,2	19,5
22	Natal	11,0	13,6	7,4	14,8	13,3	19,3
23	Macapá	15,3	10,7	16,1	17,4	16,0	17,6
24	Brasília	22,6	27,6	21,5	19,6	16,9	17,3
25	João Pessoa	13,1	15,4	13,8	14,1	14,6	16,4
26	Rio Branco	13,1	12,4	15,6	14,1	8,6	14,9
27	Palmas	16,8	16,3	15,3	9,1	9,5	10,7

Fonte: MS/SVS/Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais

NOTA: (1) Casos notificados no SINAN e registrados no SISCEL/SICLON até 30/06/2009 e SIM de 2000 a 2008. Dados preliminares para os últimos cinco anos.

POPULAÇÃO: MS/SE/DATASUS em <www.datasus.gov.br> no menu informações em saúde > Demográfica e socioeconômicas, acessado em 20/10/2009.

### 3.3 – *Ranking* dos 100 municípios com 50 mil habitantes ou mais que apresentam maior taxa de incidência de aids

Dos 100 municípios com 50 mil habitantes ou mais que apresentam maior taxa de incidência de aids, os 20 primeiros da lista estão no Sul, especificamente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Conforme mostra a tabela 4, com recorte de 2002 a 2007. A primeira colocada é Porto Alegre (RS) com uma taxa de incidência de 111,5 por 100 mil habitantes, seguida por Camboriú (SC) com 91,3 por 100 mil habitantes (tabela 4).

Tabela 4 - Taxa de incidência dos 100 municípios brasileiros com 50 mil habitantes ou mais e com maior taxa em 2007 segundo ano de diagnóstico. Brasil, 2002 a 2007

Posição	Nome do município	Unidade da Federação	2002	2003	2004	2005	2006	2007
1	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	105,5	102,2	93,0	78,5	92,5	111,5
2	Camboriú	Santa Catarina	64,8	64,8	100,4	101,5	47,2	91,3
3	Canoas	Rio Grande do Sul	54,2	51,0	40,5	32,2	33,3	83,0
4	Itajaí	Santa Catarina	153,9	96,7	106,4	86,7	69,0	81,2
5	São Leopoldo	Rio Grande do Sul	57,3	65,0	47,6	77,8	77,6	72,9
6	Alvorada	Rio Grande do Sul	71,6	76,2	79,1	59,0	71,2	72,8
7	Sapucaia do Sul	Rio Grande do Sul	48,2	60,0	40,8	40,3	54,4	70,3
8	Viamão	Rio Grande do Sul	60,7	62,4	53,2	62,3	63,4	68,5
9	Balneário Camboriú	Santa Catarina	97,0	95,6	104,7	95,5	50,0	67,9
10	Cruz Alta	Rio Grande do Sul	42,7	30,9	38,1	37,8	36,2	64,9
11	Rio Grande	Rio Grande do Sul	91,8	76,5	66,6	54,2	49,2	59,4
12	Florianópolis	Santa Catarina	71,3	84,5	68,6	82,7	82,4	57,4
13	Esteio	Rio Grande do Sul	20,7	35,0	39,3	25,6	41,3	56,7
14	Cachoeirinha	Rio Grande do Sul	40,3	36,1	30,3	31,7	27,9	54,0
15	Guaíba	Rio Grande do Sul	53,3	43,4	35,8	47,1	43,5	53,0
16	Pelotas	Rio Grande do Sul	65,6	40,1	26,6	29,8	36,4	51,9
17	Gravataí	Rio Grande do Sul	49,3	44,3	24,5	27,2	25,5	49,9
18	Camaquã	Rio Grande do Sul	17,9	29,0	35,2	18,8	20,2	47,7
19	Criciúma	Santa Catarina	55,8	47,2	52,2	44,2	52,6	47,1
20	Novo Hamburgo	Rio Grande do Sul	32,1	45,6	53,5	49,0	41,7	44,6
21	São José	Santa Catarina	60,6	60,5	82,7	78,2	71,1	44,3
22	Barretos	São Paulo	58,7	50,7	52,2	36,6	39,9	44,1
23	Itaguaí	Rio de Janeiro	10,5	23,9	14,5	23,5	41,8	44,0
24	Tubarão	Santa Catarina	52,0	60,2	30,4	31,8	24,1	43,6
25	Vilhena	Rondônia	7,0	29,0	26,5	32,8	31,9	42,9
26	Rio das Ostras	Rio de Janeiro	27,3	21,4	57,1	54,4	56,1	42,4
27	Juiz de Fora	Minas Gerais	31,0	32,4	33,4	36,5	36,1	40,2
28	Santa Maria	Rio Grande do Sul	53,4	64,0	46,9	37,2	44,8	40,1
29	Uruguaiana	Rio Grande do Sul	79,5	66,5	46,9	37,8	40,3	38,5
30	Porto Velho	Rondônia	37,9	31,4	25,0	27,3	38,1	38,1
31	Parobé	Rio Grande do Sul	8,4	45,2	22,0	13,3	9,2	37,7
32	Montenegro	Rio Grande do Sul	30,3	38,7	24,3	26,9	26,4	37,4
33	Cruzeiro	São Paulo	67,1	56,0	50,4	41,8	32,4	37,4
34	Niterói	Rio de Janeiro	59,2	58,7	52,5	52,3	44,9	37,1
35	São Vicente	São Paulo	36,0	31,8	35,9	34,7	25,8	36,6
36	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	49,2	39,5	44,4	38,5	38,7	36,4
37	Navegantes	Santa Catarina	75,1	43,0	83,2	48,9	33,4	36,1
38	Cuiabá	Mato Grosso	42,6	43,9	43,4	36,5	30,2	35,7
39	Santos	São Paulo	50,0	49,0	47,6	56,7	40,6	35,6
40	Uberaba	Minas Gerais	47,0	41,8	38,1	29,3	35,1	34,8
41	Araras	São Paulo	51,1	53,0	40,5	32,3	18,9	34,6
42	Cachoeira do Sul	Rio Grande do Sul	36,2	39,5	32,6	31,3	36,8	34,5
43	Joinville	Santa Catarina	48,9	42,2	47,1	43,7	37,7	34,3
44	Lajeado	Rio Grande do Sul	21,0	28,6	15,6	28,6	23,7	33,5
45	Araxá	Minas Gerais	23,5	26,9	25,4	20,1	18,7	33,4
46	Cabo de Santo Agostinho	Pernambuco	32,8	30,4	29,4	36,0	18,0	33,1
47	Manaus	Amazonas	25,1	21,8	27,6	29,1	30,3	33,1
48	Blumenau	Santa Catarina	54,0	48,0	42,9	40,6	40,9	32,9
49	Japeri	Rio de Janeiro	41,4	42,9	44,3	34,0	33,3	32,6
50	Palhoça	Santa Catarina	32,7	38,8	32,6	55,5	57,8	32,6



51	Rondonópolis	Mato Grosso	30,8	38,5	26,7	30,6	27,1	32,4
52	Caldas Novas	Goiás	25,4	13,9	20,0	15,2	35,0	32,2
53	Campo Bom	Rio Grande do Sul	27,1	35,8	24,8	39,7	27,3	32,1
54	Barcarena	Pará	4,5	5,8	12,8	13,5	7,9	32,0
55	Olinda	Pernambuco	27,0	23,1	23,5	31,5	26,8	32,0
56	Ribeirão Preto	São Paulo	59,2	52,1	44,9	34,5	32,9	31,9
57	Queimados	Rio de Janeiro	31,5	41,0	35,8	44,7	37,4	31,8
58	Macaé	Rio de Janeiro	38,4	33,3	21,6	35,8	33,6	31,5
59	Boa Vista	Roraima	14,0	34,8	40,9	24,4	23,2	31,5
60	Nova Iguaçu	Rio de Janeiro	38,3	35,0	42,4	40,8	32,6	31,5
61	Alegrete	Rio Grande do Sul	50,3	27,9	21,9	15,9	30,5	31,4
62	Jataí	Goiás	33,3	22,7	11,2	41,9	20,0	31,3
63	Santa Cruz do Sul	Rio Grande do Sul	29,7	30,2	21,0	15,3	29,2	31,2
64	Catanduva	São Paulo	51,4	43,4	41,1	39,9	26,5	31,2
65	Pinhais	Paraná	73,6	73,6	64,0	54,9	48,7	30,9
66	Belém	Pará	26,4	28,0	38,8	33,5	28,5	30,7
67	Santiago	Rio Grande do Sul	17,8	13,8	15,7	21,3	9,6	30,6
68	Recife	Pernambuco	28,6	25,7	30,3	34,6	32,3	30,3
69	Campos dos Goytacazes	Rio de Janeiro	23,7	21,9	26,5	24,6	24,4	30,0
70	Biguaçu	Santa Catarina	49,0	53,4	39,1	35,2	47,9	30,0
71	Várzea Grande	Mato Grosso	41,9	42,7	43,9	33,4	23,9	29,9
72	Três Rios	Rio de Janeiro	60,1	36,6	36,3	25,1	27,5	29,8
73	Bebedouro	São Paulo	51,1	44,2	33,5	26,5	38,7	29,7
74	Içara	Santa Catarina	35,4	34,7	39,7	34,4	26,6	29,5
75	Lages	Santa Catarina	33,6	32,7	14,7	20,4	25,5	29,4
76	Venâncio Aires	Rio Grande do Sul	22,2	28,2	17,0	27,1	25,2	29,3
77	São José do Rio Preto	São Paulo	58,7	59,6	49,5	46,0	32,7	29,2
78	São Carlos	São Paulo	39,9	29,0	21,7	25,1	23,3	29,2
79	Vinhedo	São Paulo	28,0	25,3	15,2	16,1	10,5	28,9
80	São Luís	Maranhão	19,3	22,1	30,8	30,1	31,2	28,9
81	São Caetano do Sul	São Paulo	42,0	46,6	33,7	20,1	22,5	28,7
82	Carazinho	Rio Grande do Sul	8,5	13,5	21,7	19,6	24,2	28,7
83	Redenção	Pará	22,8	22,4	17,6	21,2	18,0	28,6
84	Mirassol	São Paulo	45,8	41,1	48,1	18,5	14,5	28,6
85	Santo Ângelo	Rio Grande do Sul	30,9	28,1	17,8	18,8	25,0	28,5
86	São João de Meriti	Rio de Janeiro	30,4	31,3	38,3	37,0	31,3	28,3
87	Bento Gonçalves	Rio Grande do Sul	18,4	32,0	18,3	26,4	30,6	28,2
88	Rio Bonito	Rio de Janeiro	25,7	9,8	13,6	5,7	9,4	28,0
89	Nilópolis	Rio de Janeiro	32,1	32,8	40,8	31,1	27,9	28,0
90	Saquarema	Rio de Janeiro	19,8	21,1	18,8	34,1	23,7	27,8
91	Passo Fundo	Rio Grande do Sul	24,1	29,4	29,0	29,1	19,1	27,7
92	Praia Grande	São Paulo	40,8	36,2	40,1	31,2	21,2	27,6
93	Cabo Frio	Rio de Janeiro	16,0	35,7	29,7	16,3	18,7	27,4
94	Goiana	Pernambuco	11,0	19,1	25,7	34,4	22,3	27,2
95	Abreu e Lima	Pernambuco	21,8	14,0	14,9	30,0	21,4	27,2
96	Piracicaba	São Paulo	41,8	33,1	26,6	28,0	24,0	27,1
97	Paranaguá	Paraná	56,3	58,9	40,4	36,6	30,4	27,1
98	Três Pontas	Minas Gerais	48,0	30,4	18,8	27,6	20,1	27,1
99	Vacaria	Rio Grande do Sul	27,2	30,3	41,6	35,8	27,3	27,0
100	Araranguá	Santa Catarina	43,9	24,2	45,8	31,0	36,8	26,7

Fonte: MS/SVS/Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais

NOTA: (1) Casos notificados no SINAN e registrados no SISCEL/SICLON até 30/06/2009 e SIM de 2000 a 2008. Dados preliminares para os últimos cinco anos.

POPULAÇÃO: MS/SE/DATASUS em <[www.datasus.gov.br](http://www.datasus.gov.br)> no menu informações em saúde > Demográfica e socioeconômicas, acessado em 20/10/2009.

#### **4. Sexo e formas de transmissão**

De 1980 até junho de 2009, foram identificados 356.427 (65,4%) casos de aids no sexo masculino e 188.396 (34,6%) no sexo feminino.

Entre homens, a taxa de incidência em 2007 foi de 22 casos por 100 mil habitantes. Nas mulheres, a taxa foi de 13,9 casos por 100 mil habitantes.

A razão de sexo (número de casos em homens dividido pelo número de casos em mulheres) no Brasil diminuiu consideravelmente do início da epidemia para os dias atuais: em 1986, a razão era de 15 casos de aids em homens para cada caso em mulheres, e a partir de 2002, a razão de sexo estabilizou-se em 15 casos em homens para cada 10 em mulheres (figura 6).

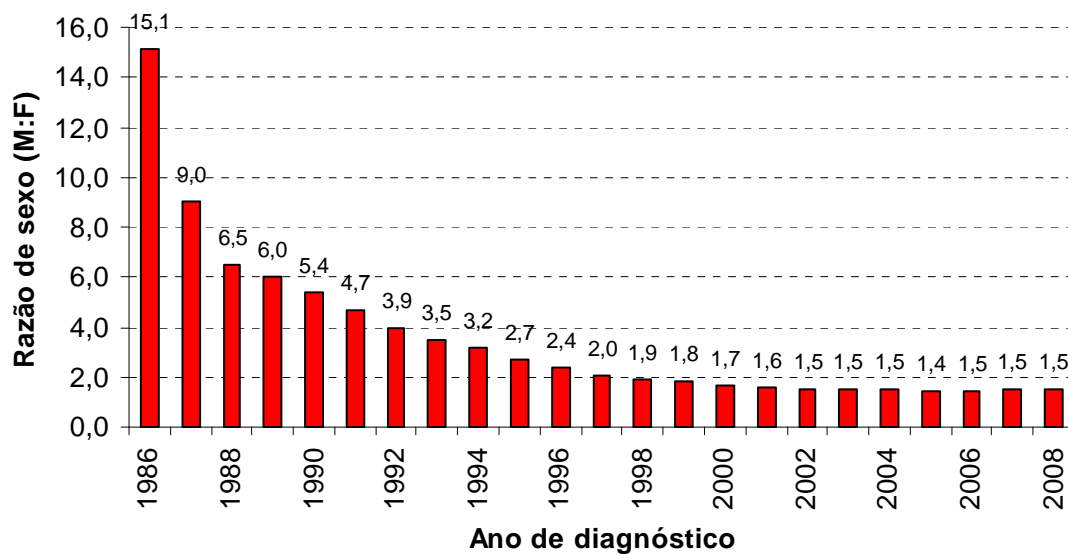
Chama atenção a análise da razão de sexo em jovens de 13 a 19 anos. Nessa faixa etária, o número de casos de aids é maior entre as mulheres jovens. A inversão apresenta-se desde 1998, com 8 casos em meninos para cada 10 casos em meninas. (figura 7).

Em 2007, entre adultos do sexo masculino, na categoria de exposição sexual, há maior transmissão em heterossexuais (45,1%). Na categoria sanguínea, a transmissão é maior nos usuários de drogas injetáveis (UDI – 7,4%).

Entre homens que fazem sexo com homens (HSH), ocorre uma tendência de estabilização na proporção de casos, em média 28% a partir de 2000. Contudo, na faixa etária de 13 a 24 anos do segmento, observa-se um aumento na proporção de casos de aids (figura 8).

Em mulheres, o predomínio da forma de transmissão é heterossexual em toda a série histórica. Em 1997, era responsável por 88,7% dos casos. Em 2007, esse percentual alcançou 96,9%.

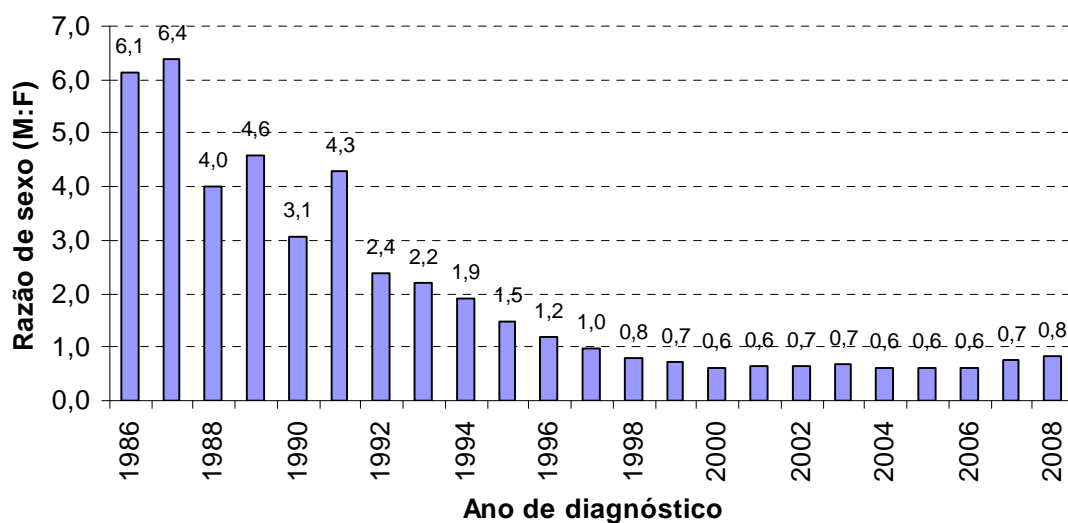
A transmissão por drogas injetáveis apresentou uma acentuada redução tanto em homens quanto em mulheres. Nos homens caiu de 22,6%, em 1997, para 7,4%, em 2007. Nas mulheres, a queda foi de 10,2%, em 1997, para 2,6%, em 2007.



Fonte: MS/SVS/Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais.

NOTA: (1) Casos notificados no SINAN e registrados no SISCEL/SICLON até 30/06/2009 e SIM de 2000 a 2008. Dados preliminares para os últimos cinco anos.

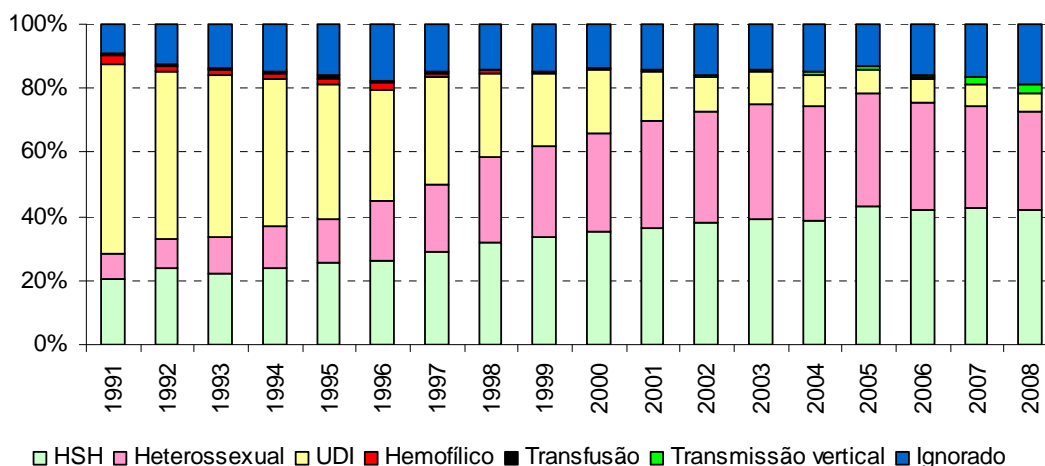
Figura 6. Razão de sexo dos casos de aids<sup>(1)</sup> segundo ano de diagnóstico. Brasil, 1986 a 2008



Fonte: MS/SVS/Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais.

NOTA: (1) Casos notificados no SINAN e registrados no SISCEL/SICLON até 30/06/2009 e SIM de 2000 a 2008. Dados preliminares para os últimos cinco anos.

Figura 7. Razão de sexo dos casos de aids<sup>(1)</sup> em jovens de 13 a 19 anos, segundo ano de diagnóstico. Brasil, 1986 a 2008



Fonte: MS/SVS/Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais.

NOTA: (1) Casos notificados no SINAN até 30/06/2009. Dados preliminares para os últimos cinco anos.

Figura 8. Distribuição percentual de casos de aids<sup>(1)</sup> em homens de 13 a 24 anos de idade segundo categoria de exposição por ano de diagnóstico. Brasil, 1991 a 2008

## 5. Faixa etária

Em ambos os sexos, as maiores taxas de incidência se encontram na faixa etária de 25 a 49 anos. A taxa apresenta tendência de crescimento a partir dos 40 anos tanto em homens quanto em mulheres, comparando-se 1997 e 2007 (Tabela 5).

Em 2007, a taxa de incidência de aids em mulheres acima de 50 anos praticamente dobrou em relação da 1997. (5,2 por 100 mil habitantes para 9,9). Nos homens, passou de 12 casos por 100 mil habitantes para 18, no mesmo período.

Vale ressaltar que, em 2007, a taxa de incidência de aids em mulheres de 50 a 59 anos (15,6 por 100 mil habitantes) é 3 vezes maior do que a taxa em mulheres com 60 e mais anos de idade (5,0 por 100 mil habitantes). Entre homens, a taxa de incidência também é 3 vezes maior entre os de 50 e 59 anos (26,9 por 100 mil habitantes) comparados aos de 60 e mais anos de idade (9,4 por 100 mil habitantes).

Tabela 5: Taxas de incidência de aids<sup>(1)</sup> (por 100.000 hab.) segundo faixa etária e sexo por ano de diagnóstico. Brasil, 1997 e 2007

Faixa etária	Masculino		Feminino	
	1997	2007	1997	2007
< 5 anos	5,5	2,8	6,3	3,0
05 a 12	0,8	1,4	0,6	1,5
13 a 19	2,2	1,9	2,3	2,7
20 a 24	21,0	13,8	15,2	13,2
25 a 29	53,7	34,0	28,0	23,8
30 a 34	73,1	50,0	28,3	31,1
35 a 39	62,1	56,5	22,8	31,0
40 a 49	41,2	47,6	15,7	24,9
50 e mais	12,0	18,0	5,2	9,9

Fonte: MS/SVS/Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais

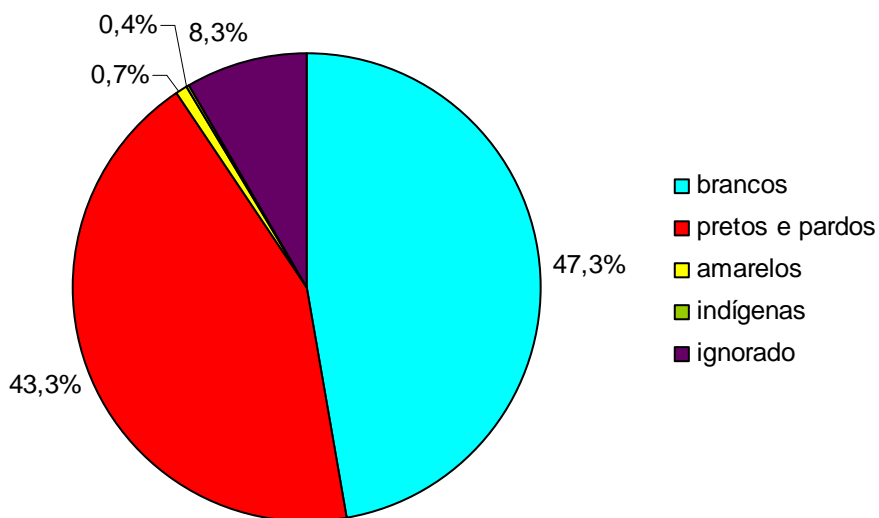
NOTA: (1) Casos notificados no SINAN e registrados no SISCEL/SICLOM até 30/06/2009 e SIM de 2000 a 2008. Dados preliminares para os últimos cinco anos.

POPULAÇÃO: MS/SE/DATASUS em <www.datasus.gov.br> no menu informações em saúde > Demográfica e socioeconômicas, acessado em 20/10/2009.

## 6. Raça/Cor

O critério raça/cor foi incluído na ficha de notificação em 2000 e, nesse ano, 47,6% dos casos notificados não tiveram essa variável declarada. De 2000 a 2007, observa-se melhoria na qualidade dos dados de raça/cor, com redução do percentual de ignorados. Em 2007, apenas 8,3% das informações sobre raça/cor eram desconhecidas.

Considerando os casos válidos, foram notificados 17 casos de aids em brancos para cada 10 casos em pretos e pardos em 2000. E, em 2007, a diferença diminuiu de 11 casos em brancos para cada 10 em pretos e pardos. Em 2007, 47,3% dos casos notificados foram em brancos e 43,3% em pretos e pardos (figura 9).



Fonte: MS/SVS/Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais.

NOTA: (1) Casos notificados no SINAN até 30/06/2009. Dados preliminares.

Figura 9. Percentual de casos de aids<sup>(1)</sup> segundo raça/cor. Brasil, 2007

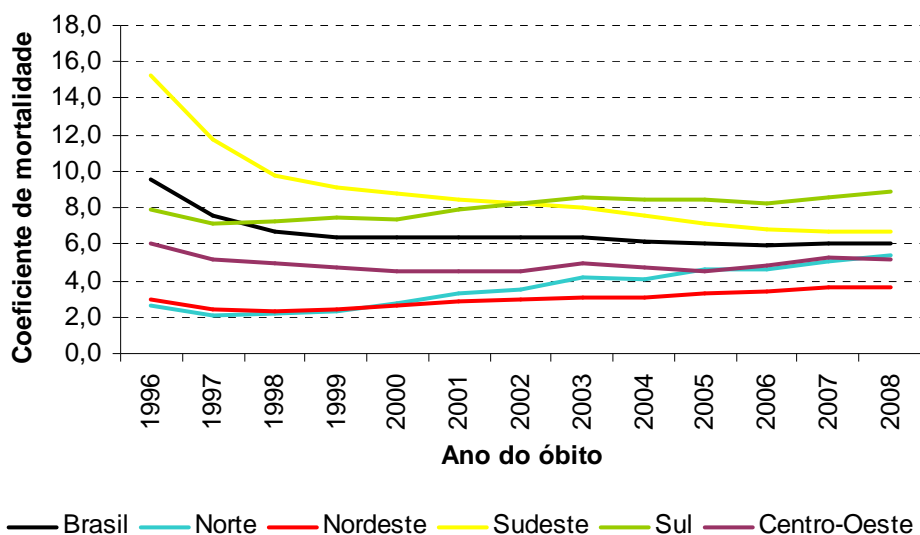
## 7. Mortalidade

De 1980 a 2008 foram notificados 217.091 óbitos por aids no Brasil. A maior parte está concentrada na região Sudeste (66%), seguida das regiões Sul (16,2%), Nordeste (10,1%), Centro-Oeste (4,7%) e Norte (3%).

Dos óbitos registrados do início da epidemia até o ano passado, 73% (158.382) se concentram entre os homens e 27% (58.604) entre as mulheres.

O coeficiente de mortalidade vem se mantendo estável no país, a partir de 2000 (em torno de 6 óbitos por 100 mil habitantes). Observa-se queda no Sudeste, estabilização no Centro-Oeste e aumento no Sul, Norte e Nordeste (figura 10).

Na última década, as mortes por aids em homens caíram e em mulheres se mantiveram estáveis. Em 2000, foram declarados 3,7 óbitos por aids a cada 100 mil mulheres. Em 2008, o coeficiente foi de 4,1. Em homens, há diminuição de óbitos a partir de 1998 (de 9,6 registros por 100 mil habitantes, em 1998, para 8,1, em 2008).



Fonte: Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM / Dados preliminares para 2008

NOTA: (1) Utilizado método direto usando como base a população brasileira.

(2) Dados preliminares para 2008.

POPULAÇÃO: MS/SE/DATASUS em <[www.datasus.gov.br](http://www.datasus.gov.br)> no menu informações em saúde >Demográfica e socioeconômicas, acessado em 20/10/2009.

Figura 10. Coeficiente de mortalidade por aids (por 100.000 hab.) padronizado por idade<sup>(1)</sup>, segundo região de residência e ano do óbito. Brasil, 1996 a 2008<sup>(2)</sup>

## 8. Aids diminui 41,7% em menores de cinco anos de idade

O Brasil reduziu em 41,7% a incidência de casos aids em crianças menores de cinco anos de idade de 1997 a 2007. O coeficiente de mortalidade também caiu cerca de 70,0% (em 1997, o coeficiente de mortalidade era de 2,0 por 100 mil habitantes caindo para 0,6, em 2007). A taxa de incidência de aids nessa faixa

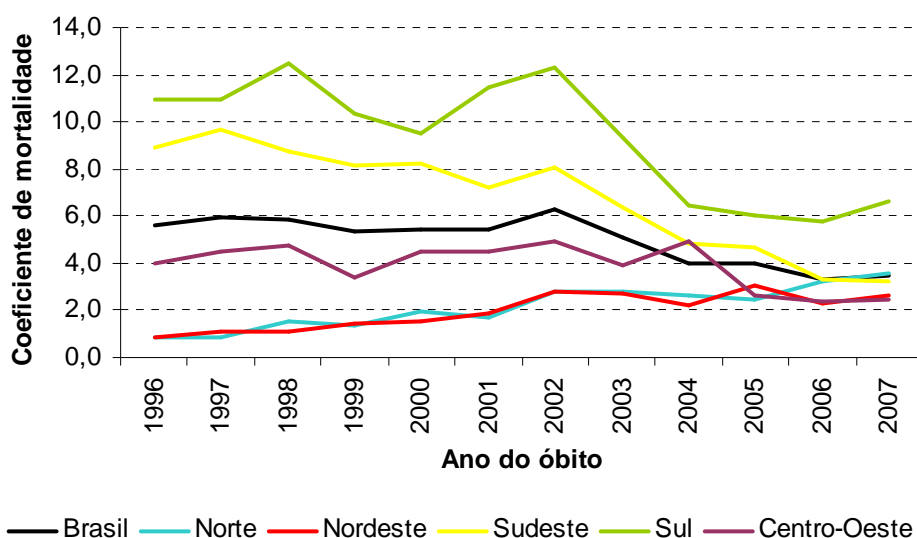
etária é utilizada para monitorar rotineiramente a transmissão vertical do HIV, pois praticamente representa o total de casos (93,9% das notificações).

De 1984 a junho de 2009 foram identificados 13.036 casos de aids em menores de cinco anos. A figura 11 mostra o declínio da taxa de incidência no Brasil em menores de cinco anos – de 5,4 casos por 100 mil habitantes, em 2000, para 3,5 em 2007.

As regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste também apresentam tendência a decréscimo no mesmo período. Entretanto, no Nordeste e Norte observa-se aumento da taxa de incidência em menores de cinco anos, ao se comparar 2000 e 2007 (figura 11).

Do total de casos em crianças menores de cinco anos, 42,4% (5.526 casos) foram identificados em menores de um ano de idade. O percentual se mantém por volta de 40% nos últimos anos (figura 12).

**Mortalidade** – Até 2008, foram registrados 3.758 óbitos por aids em menores de cinco anos. O coeficiente de mortalidade, que era de 2 óbitos por 100 mil habitantes em 1996, apresentou decréscimo até 2005, quando atingiu 0,6 óbitos por 100 mil habitantes e se mantém estável (figura 13).

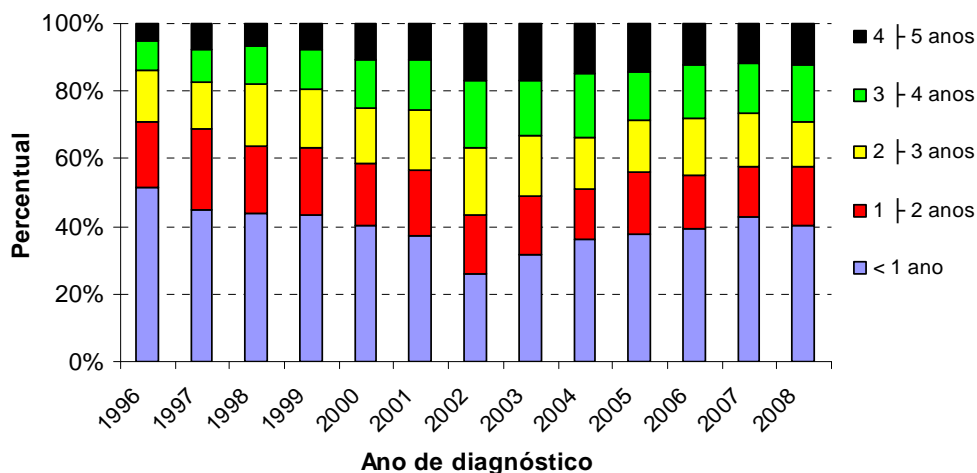


FONTE: MS/SVS/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais

NOTA: (1) Casos notificados no SINAN e registrados no SISCEL/SICLON até 30/06/2009 e SIM de 2000 a 2008. Dados preliminares para os últimos cinco anos.

POPULAÇÃO: MS/SE/DATASUS em <www.datasus.gov.br no menu Informações em saúde > Demográfica e socioeconômicas, acessado em 20/10/2009.

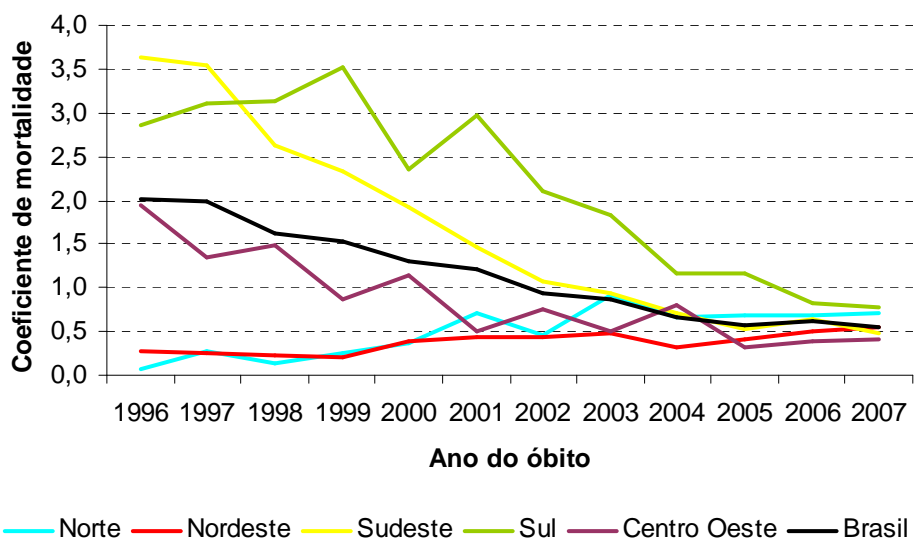
Figura 11. Taxa de incidência de aids<sup>(1)</sup> em menores de cinco anos segundo UF e região de residência por ano de diagnóstico. Brasil, 1996 a 2007



FONTES: MS/SVS/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais

NOTA: (1) Casos notificados no SINAN e registrados no SISCEL/SICLOM até 30/06/2009 e SIM de 2000 a 2008. Dados preliminares para os últimos cinco anos.

Figura 12. Casos de aids<sup>(1)</sup> em menores de cinco anos segundo idade e ano de diagnóstico. Brasil, 1996 a 2008



FONTES: MS/ SVS/ DASI/ Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM

NOTA: (1) Dados preliminares para 2008.

POPULAÇÃO: MS/SE/DATASUS em <[www.datasus.gov.br](http://www.datasus.gov.br) no menu Informações em saúde > Demográfica e socioeconômicas, acessado em 20/10/2009.

Figura 13. Coeficiente de mortalidade por aids em menores de cinco anos segundo região de residência e ano do óbito. Brasil, 1996 a 2007

## 9. Sífilis em gestante e sífilis congênita

A sífilis em gestante passou a ser doença de notificação compulsória em 2005, portanto a série histórica de casos notificados é ainda muito pequena para uma análise com maior profundidade. De 2005 a junho de 2009 foram notificados 19.608 casos de gestantes com sífilis, sendo que, no ano de 2008 foram



notificados 6.955 casos, com coeficiente de detecção de 2,4 por 1.000 nascidos vivos.

Dos casos notificados em 2008, 2.399 (34,4%) são da Região Sudeste, 1.674 (24,1%) do Nordeste, 1.182 (16,9%) do Norte, 1.085 (15,6%) do Centro-Oeste e 675 (9,7%) do Sul. Com relação aos coeficientes de detecção por 1.000 nascidos vivos, para o ano de 2008, em ordem decrescente segundo região de notificação são os seguintes: Norte (3,8), Nordeste (1,9), Sudeste (2,1), Centro-Oeste (5,0) e Sul (1,9).

Segundo o Estudo Sentinela Parturiente de 2004, realizado pelo Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde, estima-se uma taxa de prevalência de sífilis de 1,6%. E, considerando uma estimativa de 3.059.402 parturientes no país por ano, espera-se um total de 48.059 gestantes com sífilis a cada ano. Ou seja, ainda persiste uma subnotificação de casos da doença. Com o objetivo de melhorar a qualidade da informação sobre a doença, a notificação de sífilis em gestante está pactuada na Programação das Ações de Vigilância em Saúde (PAVS) do Ministério da Saúde.

A sífilis congênita é doença de notificação compulsória no Brasil desde o ano de 1986. De 1998 a junho de 2009 foram notificados 55.124 casos de sífilis congênita em menores de um ano de idade no Brasil, com média de notificação de 5.000 casos a cada ano. A partir do Estudo Sentinela Parturientes de 2004, estima-se a ocorrência de 12.000 casos novos de sífilis congênita por ano, mostrando ainda uma significativa subnotificação de casos.

No ano de 2008, foram notificados 5.506 casos de sífilis congênita, sendo 2.150 (39,0%) no Sudeste, 1.872 (33,9%) no Nordeste, 739 (13,4%) no Norte, 403 (7,3%) no Sul e 342 (6,25%) no Centro-Oeste.

Com relação às taxas de incidência por 1.000 nascidos vivos, em ordem decrescente temos, para o ano de 2008: Norte (2,4); Nordeste (2,1); Sudeste (1,9); Centro-Oeste (1,6) e Sul (1,1).

De 1998 a 2008 foram registrados 976 óbitos por sífilis congênita no Brasil. Segundo regiões estes óbitos foram assim distribuídos: 428 (43,8%) no Sudeste; 329 (33,7%) no Nordeste; 94 (9,6%) no Norte; 92 (9,4%) no Sul; e, 33 (3,3%) no Centro-Oeste.

No ano de 2008 foram declarados 59 óbitos por sífilis congênita com coeficiente de mortalidade por 1.000 nascidos vivos de 2,0. Dos 59 óbitos, 26 (3,0/1.000) ocorreram no Nordeste; 17 (1,5/1.000) no Sudeste; 8 (2,2/1.000) no Sul; 7 (2,2/1.000) no Norte; e, 1 (0,5/1.000) no Centro-oeste.

O Plano Nacional de Redução da Transmissão Vertical do HIV e da Sífilis, lançado oficialmente em outubro de 2007 pelo Ministério da Saúde, pactua com estados e municípios metas para a redução escalonada e regionalizada das taxas de transmissão vertical do HIV e da sífilis até o ano de 2011.

## **10. Serviços de aids disponíveis no Brasil**

Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA)

[www.aids.gov.br/servicos\\_dstaids/cta/](http://www.aids.gov.br/servicos_dstaids/cta/)

Atendimento Domiciliar Terapêutico (ADT)

[www.aids.gov.br/servicos\\_dstaids/adt/](http://www.aids.gov.br/servicos_dstaids/adt/)

Serviço de Atenção Especializada (SAE)

[www.aids.gov.br/servicos\\_dstaids/sae/](http://www.aids.gov.br/servicos_dstaids/sae/)

Hospital Dia

[www.aids.gov.br/servicos\\_dstaids/hd/](http://www.aids.gov.br/servicos_dstaids/hd/)

Hospitais credenciados

[www.aids.gov.br/servicos\\_dstaids/hc/](http://www.aids.gov.br/servicos_dstaids/hc/)